

CASA DE FAMÍLIA

D R Ã E S

ODILON MACHADO JÚNIOR

2º ano da Faculdade de Direito

Èsses muitos casos vêm do Valadão, terra de gente pronta para tôdas as surpêsas, onde os Amâncio eram tais e todos; além dessa gente, má igualha, sòmente o poder de Deus, mas no céu.

Gurinhata, longe do bafio das terras do Valadão, e com o nôvo comércio de Santa Vitória, o lugar se fêz: igreja, as cinco ruas e o boticário. Ali havia espaços para muitas distâncias. Seria uma solidão e o céu azul. Bancos de pombos para os gaviões. Cumpria-se nos largos silêncios, o círculo da vida.

Por último chegara Violona, os espantos: dourados os cabelos, o nenhum parentesco ou semelhança com as mulheres que faziam a festa da Virgem. Todos tinham que pensar nela, de algum ou de outro modo ela, a aresta, apontando os cantos dos olhos.

Foi morar na Soja, em boa casa de quantos quartos. O padre quase agradecido, tal fato lhe dava as maiores razões para renovadas lutas, êle por fim acordava o bem e o mal, que dormiam juntos na sacristia. Agora, bem, ia enfrentar um nôvo terrível diabo, voltavam-lhe o ânimo e o verbo. Ao

povo, falava de madalenas: «uma fruta sem casca, pronta para o pecado». E muitos lembravam quase inteira, a canção-de-vintém, que antigos anos antes, o aleijadinho do Visgo cantava. Era uma música assim, que meio sem-vergonha, de safadices:

«Laranja-da-terra,
quantos gomos você tem?»

Depois vieram muitas, mas fortes côres. Falavam delas até no Crispim, mesmo depois do Canal de São Simão. Casas e ruas aumentavam, mais os fiéis e os coronéis. Gurinhata era lugar de pouso alegre, entre Santa Vitória e o Pilão.

E perto da Casa — o Carcilo: o andor no ombro e o olho nas filhas, Justina e Vicência. Guardava-as com tanto fel, mais o amor. Pra isto era muito devoto, contava com devoções e escapulários. Justina era muito mais velha. Sabia bordar e cuidava de ser bonita, quando não se olhava no espelho da sala.

Esperava sentada. Carcilo trazia Vicência aqui e ali, queria-a menos riso, sabia que prevenir era fazer dela filha-de-maria. Ela, se possível, queria o irremediável. Por ora, entoava cânticos. Pensava em modinhas e violas.

O pai trazia a porta fechada, mais ainda quando um vaqueiro bateu em casa errada, e perguntou por uma certa tal Castanha. E quis: que a Vicência. Carcilo pôde, matou é que não. E na parede impôs com cal e fôrça, muito antes com ferro e fogo: «Familiar» .

De longe e cada vez mais perto, Vicência olhava as da vida, conhecida tôdas — a Iuta, Semidocéia, Diva, Anglé, que antes era Aidée, a Castanha, elas nos tiques e triques, sempre bem postas, cercadas de janelas. O pai depressa fechava a dela.

Até que conversou com uma das Anjas, as que andavam e vestiam iguais. Soube que era assim, e tintin, e porfim. Naquela tarde, ficou muito ela, por dentro e por fora, com as certezas na prateleira.

De modo que tratou com Violena, distantes o pai e a irmã. Já penteava diferente os cabelos, deu jeito num vermelho velho vestido. Muito sabia: assoviava entre um e outro riso, enquanto. O rio dá a volta, espera, e não sobe a serra. Vicência, cercada de água benta, trazia o copo d'água para o pai com a tempestade no fundo.

Justina olhou para a rua uma última vez, viu, e foi para a cama, sua decente desilusão. O pai falou da poeira na mesa, deitou-se sêco, cansado e sério. Dormiu sem capítulos.

Os gatos todos pardos, Vicência encontrou a Iuta esperando nos fundos da Casa, e disse onde o quarto. Dentro, viu Violena, sob a luz madura. Com o véu cobrindo o nenhum rubor, deitou-se longe do hálito de virtude de Carcilo, seu vizinho, e de Justina, dormindo e escolhendo os sonhos.

A Josias, em dois dedos de prosa Violena mostrou a porta e porque. O môço fêz um silêncio redondo e pensou quase duas vêzes. Andava desarmado de surpresas, só estava ali para completar a viagem. Um quarto escuro, e quem? Com outra, a fácil desvergonha; e agora, não sabia o que não fazer. O tempo, firme, êle queria um relâmpago de estiagem, para ver. Não viu.

A mulher sem as sabedorias das de vida estragada, Josias logo também não queria luz alguma. Ficou sabendo de muita ternura, que ela depressa quis ser outra, e chorava de leve, com sinceridades muito pequenas. Josias queria que ela se chamasse Margarida, ou mesmo Mariinha ou só Flôr. No quarto, cabia um jardim e um assovio.

Voltou num galope, para a grande fazenda Jerusalém, de seu tio muito bom homem, Ubaldo. Passou três dias ou duas semanas, pensando nos olhos e na côr de Margarida, que

seria a que êle quisesse: tôda ela possível, vestidinha em azul-alegria.

Vicência não olhava. Já não era a mesma outra, nem ninguém. De quieta, inscreveram-na para o sério e o siso. Cercou-se de breves decisões, só acreditava que não.

Violena disse quem, é logo o môço e Carcilo em retas conversas: Vicência. Ela, demais serena, dona de todo amor.

Por tanto, a fazenda se chama agora Sempre-Viva.

Lá, o verde, o ipê amarelo. No fundo, um azul de serras. E garças, quando antes das águas, no mês de setembro.